

# Reflexivo, Impessoal Indeterminado e Condicional

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos  
Editor de ELECTRICIDADE

A experiência mostra a necessidade de interpretar a multiplicidade de uso do elemento "se" na grafia das palavras num dado contexto. Convém interpretar bem a diferença entre a escrita das ideias reflexivas, cuja acção se reflecte sobre o próprio agente actuante, daqueles que são impessoais, onde se subentende quem exerce uma acção genérica, e ainda em relação às ideias com executante indeterminado. Em qualquer caso, estas ideias podem ter natureza indicativa ou condicional, repetindo-se nesta última situação a forma fonética. Mas a posição do respectivo elemento "se" não é arbitrária.

É aqui que surgem abundantes confusões. Porque nem sempre se percebe claramente a natureza das formulações reflexivas, impessoais, indeterminadas e condicionais. A distorção aparece tão frequentemente que até dá vontade de dizer: escreva ao contrário daquilo que julga ser e acertará com mais frequência. Evidentemente, esta afirmação carece de fundamento. Só se traz à discussão para acentuar a vulgaridade do erro gramático.

Entre parênteses, apetece acrescentar que o tratamento de texto por computador veio intensificar o defeito morfológico e sintático, na medida em que gera a tendência para utilizar repetições formais (muito enjoativas).

A fórmula reflexiva insere a reflexividade da acção no verbo principal. Aqui não existe nenhuma impessoalidade, bem pelo contrário, o sujeito está definido ao receber a própria acção contida na expressão verbal. Por exemplo, "o equipamento compõe-se de muitos componentes"; o sujeito (que é o equipamento) tem a sua composição constituída por diversas partes. A ideia activa de *compor-se* reflecte-se no equipamento (o sujeito da acção).

Quem não tenha a percepção desta maneira reflexiva de exprimir, substitui frequentemente a partícula reflexa do verbo

pela conjugação do verbo auxiliar "ser" em ligação com o particípio passado do verbo principal. No caso anterior escreveria: "o equipamento é composto de muitos componentes". Este jeito de dizer as coisas, quando repetido, torna-se monótono e deselegante. Infelizmente, encontra-se este formalismo literário em muitos dos documentos produzidos por jovens recém-licenciados em engenharia.

A fórmula impessoal aparece bastante na escrita científica e tecnológica, a fim de tornar o sujeito indefinido. Por exemplo, "escreve-se a frase anterior para desfazer eventuais confusões". Repare-se que ao grafar *escreve-se* deixou-se indefinida a pessoa que escreve, embora se saiba que fui eu a escrevê-la.

Esta certeza do sujeito que pratica a acção (de escrever, no caso exemplificado) leva muitos jovens (pensando nos recém-licenciados) a personalizar, de vez em quando, os modos de relatar. Nas suas descrições técnicas surgem, inesperadamente, mudanças de sujeito pouco recomendáveis, com redacções do tipo "escrevemos a frase anterior para desfazer confusões". A mudar, sugere-se que seja no sentido impessoal (através de *escreve-se*). Aliás, sempre que haja tendência para exprimir na primeira pessoa do plural (numa fuga habitual à personalização da primeira pessoa do singular), o melhor a fazer será a conversão na forma impessoal, usando a terceira pessoa como indefinida.

Assim, resulta uma expressão muito mais elegante, que apetece ler. Curiosamente, a impessoalidade traduz uma indefinição aparente, carregada de potencialidade, generalizada a identificação pessoal num pensamento global. Se se observar casos concretos, compreende-se perfeitamente essa generalização. Em relação a esta sentença, outros dirão: "se observarmos casos concretos compreendemos perfeitamente essa generalização". Tal

chamada à personificação retira força à afirmação, porque particulariza o sujeito (ainda que globalizando para todos "nós").

Todavia, a conjugação perifrástica, com um verbo auxiliar, é a que provoca mais incorrecções. Pode-se dizer até que a forma impessoal se deve grafar na acção auxiliar e não na principal. Repare-se que a grafia *pode-se dizer* indica que alguém (sujeito indefinido) pode dizer (em sentido geral). Será errado escrever "pode dizer-se". Contudo, incompreensivelmente (mesmo ao nível da educação superior), é esta a grafia mais vulgar.

A fórmula indeterminada tem a ver com a passividade do sujeito em relação à acção denunciada pelo verbo: o sujeito recebe a acção, mas não o executa. A frase "o amperímetro insere-se em série no circuito eléctrico" exprime que esse instrumento de medição é conectado em série, para exercer a sua função, por alguém indeterminado (que não interessa para o caso).

De maneira análoga, diz-se que "a corrente pode-se medir com um amperímetro". Não se grafa "a corrente pode medir-se com um amperímetro" porque a corrente não se mede a si própria (o verbo principal não é reflexivo).

Ainda se usa a fórmula condicional indicada pela conjunção "se". Nesta situação, não se trata de nenhuma partícula reflexiva, impessoal ou indeterminada. Por exemplo, "se o instrumento for um amperímetro, mede-se a corrente do circuito". A indicação de uma condição por "se" pode surgir junto de um verbo com partícula "se". Então ocorre a sua repetição consecutiva, como no exemplo seguinte: "se se percebeu bem, o primeiro se é condicional e o segundo impessoal".

Repare-se como o "se" condicional pode forçar a mudança de posição do "se" com outra função: impessoal (no último exemplo dado), reflexiva ("se o equipamento se compõe de muitos componentes exige mais trabalho de montagem do que com poucos") ou indeterminada ("se o amperímetro se insere em série está correctamente conectado").

Tudo isto parece primário para se discutir aqui. Mas não é, hoje em dia. No entanto, a discussão conclui-se: se a mensagem foi captada, atingiu-se o objectivo, — o que se pode repercutir num valioso "valeu a pena". **L**